

DE NORTE A SUL: PERCEPÇÕES SOBRE O USO DE ENTREVISTAS DE PESQUISA E REFLEXÕES SOBRE A TEMÁTICA DA SUSTENTABILIDADE

1 INTRODUÇÃO

A entrevista de pesquisa é uma das técnicas de coleta mais antigas (GILL et al., 2008; OLTMANN, 2016) e também uma das mais utilizadas (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017). Ela conecta o pesquisador com o entrevistado e o fenômeno do estudo (GILL et al., 2008; OLTMANN, 2016) e apesar de algumas condutas serem comumente exigidas, existem formas diferentes de planejar, conduzir e interpretar os resultados das entrevistas (RUBIN; RUBIN, 2005). No entanto, indica-se que o pesquisador tenha uma postura reflexiva durante as diferentes etapas da sua pesquisa com natureza qualitativa, a fim de garantir a validade dela (OLIVEIRA; PICCININI, 2009).

Além disso, nas pesquisas envolvendo temáticas de sustentabilidade, entende-se que alguns cuidados extras podem se fazer necessários. A deseabilidade social é um deles, que ocorre quando um respondente traz uma informação que julga que agrada o entrevistador (ALMIRO, 2017). Cuidados também se fazem necessários em casos de *greenwashing*, “o ato de enganar os consumidores em relação às práticas ambientais de uma empresa (...), ou ao meio ambiente, benefícios de um produto ou serviço” (DELMAS; BURBANO, 2011, p. 66).

A partir do exposto, estabeleceu-se o seguinte problema de pesquisa: **Quais os principais fatores considerados por pesquisadores das regiões Norte e Sul do Brasil no uso de entrevistas de pesquisa?** Para apoiar na resposta ao problema, o objetivo geral estabelecido foi: analisar quais são os principais fatores considerados pelos pesquisadores das regiões Norte e Sul quando se opta pelo método de coleta por entrevista. Quanto aos específicos, têm-se: i) compreender as diferenças e semelhanças entre a literatura sobre entrevistas de pesquisa e práticas dos pesquisadores entrevistados; ii) compreender como fatores contextuais influenciam a condução de entrevistas de pesquisa; e iii) discutir quais devem ser os cuidados para entrevistas na área da sustentabilidade.

Para isso, a estrutura do artigo é dividida nas seguintes etapas: o referencial teórico, que explora mais características da entrevista de pesquisa e aprofunda as discussões acerca da reflexividade e validade na pesquisa qualitativa; os procedimentos metodológicos empregados; os resultados e discussões; as considerações finais e referências consultadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Entrevistas de pesquisa

A entrevista, considerada o primeiro método de coleta da perspectiva qualitativa, é uma ferramenta que facilita a criação de vínculo entre entrevistador e entrevistado, permitindo um maior entendimento do fenômeno por parte do pesquisador (GILL *et al.*, 2008; OLTMANN, 2016). Ainda, Batista, Matos e Nascimento (2017) citam que a entrevista como técnica mais usual para a coleta de dados sobre um determinado fenômeno, e que esses dados podem ter caráter tanto subjetivo quanto objetivo.

Boni e Quaresma (2005) destacam que a preparação das entrevistas deve seguir algumas etapas e cuidados como: considerar um objetivo claro a ser alcançado; selecionar entrevistados que tenham familiaridade com o tema abordado; levar em consideração a disponibilidade do entrevistado; preservar o anonimato das fontes e evitar perguntas que influenciem a resposta do entrevistado. Minayo (2017) complementa que o instrumento deve permitir a identificação de semelhanças e diferenças internas do grupo ou dos grupos a serem pesquisados e que o pesquisador deve incluir progressivamente as descobertas no campo,

confrontando-as com a teoria que delimita o objeto. Posto isso, é importante nunca menosprezar informações que não são repetitivas e que contribuam para o entendimento do objeto estudado; além de utilizar triangulação de técnicas e coleta de dados sempre que possível (MINAYO, 2017).

2.2 Reflexividade e validade na pesquisa qualitativa

Além das orientações de caráter mais prático sobre a condução de entrevistas de pesquisa, também há espaço para reflexões acerca desta técnica de coleta de dados.

Considera-se que diferentes escolhas epistemológicas do pesquisador possuem efeitos sobre as características da condução de uma entrevista e análise dos dados obtidos (RUBIN; RUBIN, 2005). Complementar a isso, Oliveira e Piccinini (2009) falam que resultados numericamente expressos tendem a ter a sua validação menos questionada por transmitir uma sensação de maior neutralidade. Contudo, citam que “a ciência é, antes de tudo, uma questão de crença” (OLIVEIRA; PICCININI, p. 90) e mesmo pesquisas quantitativas estão ligadas a crenças anteriores, fator que deve ser levado em consideração quando se traz o adjetivo “neutro” para caracterizar uma pesquisa.

Com isso, Oliveira e Piccinini (2009) comentam sobre a validade de a pesquisa estar ligada à descrição de “como” a pesquisa é realizada, o que vai ao encontro da fala de Duarte (2001), de que a ausência de descrições sobre a condução das entrevistas pode ser um dos motivos para a desconfiança quanto a sua validade. Contudo, mais do que descrever a tomada de decisões do pesquisador, coloca-se também que a validade também está vinculada a uma reflexão constante quanto à adequação entre teoria e prática (OLIVEIRA; PICCININI, 2009).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo realizado é qualitativo e exploratório, sendo a entrevista de pesquisa usada como técnica de coleta de dados e para a análise dos resultados, a técnica escolhida foi a análise de conteúdo segundo Bardin (2010). Ao todo, foram entrevistados 25 pesquisadores brasileiros, sendo 11 da região Sul, localizados no Rio Grande do Sul, e 14 da região Norte do Brasil, situados principalmente nos estados de Rondônia e Pará. Para fins desta pesquisa, consideram-se desde mestrandos até pesquisadores com pós-doutorado. Para a seleção do perfil desejado, estabeleceu-se que os sujeitos precisariam: i) já ter realizado ao menos uma entrevista de pesquisa; e ii) que ao menos algum estudo já conduzido com o uso de entrevistas tivesse relação com questões de sustentabilidade. As 17 questões contempladas pelo roteiro de entrevistas foram estabelecidas como categorias *a priori*, suscitadas durante a etapa de revisão de literatura. O estabelecimento prévio de categorias, assim como a intenção de entender similaridades e disparidades entre as respostas – principalmente no que diz respeito às diferenças regionais –, justificam a escolha pela análise de conteúdo conforme Bardin (2010).

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Código	Região	Idade	Gênero	Graduação/ Instituição	Pós/ Titulação máxima	Docência	Linha de pesquisa	Caráter de pesquisa
1	Norte	36	F	Administração/UEM	Mestranda em Administração/UNIR	-	Sustentabilidade e governança	Qualitativo
2	Norte	35	F	Administração/Ulbra	Mestranda em Administração/UNIR	-	Sustentabilidade e governança	Métodos mistos
3	Norte	33	M	Administração/UFRN	Doutor em Administração/ UNIFOR	Administração /UNIR	Gestão e Sustentabilidade	Métodos mistos
4	Norte	25	F	Engenharia ambiental/USP	Mestranda- administração/UNIR	-	Governança, Sustentabilidade e Amazônia.	Qualitativo
5	Norte	38	M	Administração/UEM	Doutor em Agronegócio / UFRGS	Administração /UNIR	Amazônia e sustentabilidade; conhecimento local e contextual.	Qualitativo
6	Norte	33	F	Administração/UNIR	Pós-doutora/UNAMA	Administração /UNIR	Bioeconomia, agronegócios.	Qualitativo
7	Norte	44	F	Composição paisagística/ UFRJ	Mestranda em Administração/UNIR	-	Governança, Sustentabilidade e Amazônia	Qualitativo
8	Norte	48	F	Geografia / UFRR	Doutora em Biodiversidade e Biotecnologia/UFPA	Geografia/UFRR; Agroecologia/UE RR	Biodiversidade e Conservação	Qualitativo
9	Norte	38	M	Geografia/ UFMS	Doutor - Geografia Humana/USP	Geografia/UNIFA P	Geografia regional e agrária, conflitos na Amazônia.	Qualitativo
10	Norte	25	F	Administração/UNIR	Mestranda- Administração/UNIR	-	Governança, Sustentabilidade e Amazônia.	Qualitativo
11	Norte	63	F	Administração/UNIR	Doutora-Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA	Administração - UNIR	Governança, Sustentabilidade e Amazônia.	Qualitativo
12	Norte	36	F	Pedagogia /UFPA	Doutora- Educação/ UFPA	Educação/ UNIFAP; Pedagogia/UEAP	Saberes tradicionais e educação ambiental	Qualitativo
13	Norte		M	Matemática/ UFPA	Doutor- Economia Aplicada/ UFV	Administração/ UNAMA	Gestão Estratégica, Sustentabilidade e Vantagem Competitiva.	Métodos mistos

14	Norte		F	Engenharia agrônoma - UFRA	Pós-doutoranda administração/FGV	Administração-UNAMA e UFRA	Cadeias de suprimentos (sustentabilidade, práticas e governança)	Métodos mistos
15	Sul	42	F	Administração/UFRGS	Doutoranda em Administração/UFRGS	-	Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade*	Multi-método
16	Sul	31	F	Administração/UFRGS	Doutoranda em Administração /UFRGS	-	Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade*	Quantitativa ou métodos mistos
17	Sul	25	F	Com. Social - Relações Públicas / UFRGS	Mestranda em Administração/PUCRS	-	Marketing com foco em Comportamento do Consumidor	Qualitativo
18	Sul	34	F	Administração/UFRGS	Doutoranda em Administração/PUCRS	-	Marketing	
19	Sul	30	F	Administração e Ciências Contábeis/FURG	Doutora em Administração/UFRGS	Administração/IFRS	Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade	Qualitativo
20	Sul	37	F	Administração/UFSM	Doutora em Administração/UFRGS	Administração/Unisc	Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade	Qualitativo
21	Sul	48	F	Ciências econômicas /Universidade do Planalto Catarinense	Doutora em Agronegócios/UFRGS	Administração/Unipampa	Organizações e desenvolvimento	-
22	Sul	49	M	Administração/UFSM	Doutora em Administração/UFRGS	Administração/UF SM	Educação para a Sustentabilidade	Qualitativo
23	Sul	40	M	Administração /UFRGS	Doutorando em Administração/UFRGS	Administração/UE RGS	Ecossistemas de Inovação	Qualitativo
24	Sul	32	M	Engenharia ambiental/UFRGS	Doutorando em Administração/UFRGS	-	Interdisciplinar ligada ao Desenvolvimento Sustentável, Gestão Ambiental e Políticas Públicas	Qualitativo
25	Sul	36	F	Administração/ PUCRS e Fonoaudiologia/ Ulbra	Mestranda em Administração/UFRGS	-	Sustentabilidade e empreendedorismo	Qualitativo

Fonte: Dados originais da pesquisa (2020).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percepções dos respondentes referentes aos 17 tópicos de investigação estabelecidos pelo roteiro são comentadas na apresentação dos resultados. Ao fim, apresentam-se na Tabela 2 as respostas com maiores frequências¹ da região Norte e da região Sul do Brasil.

4.1 Formação em método

Parcela considerável dos pesquisadores das regiões Norte e Sul se declarou “autodidata”, mas com destaque para o Norte. Suprem necessidades de formação a partir da busca por recursos didáticos extraclasse, como livros, conteúdo audiovisual ou disciplinas em outros programas de pós-graduação. Contam também com a mentoria de colegas em etapa mais avançada no curso ou orientadores. Além disso, tanto os respondentes do Sul como os do Norte citam uma educação em método mais superficial na graduação, com aprofundamento na pós-graduação, sendo o de alguns no mestrado, outros apenas no doutorado.

4.2 Realização de entrevistas como método de coleta

A maioria dos entrevistados faz uso frequente da entrevista de pesquisa. Contudo é interessante observar a fala da pesquisadora E19 da região Sul, que explica um pouco mais sobre a sua escolha, defendendo usá-la “sempre que precisa entender mais sobre determinado fenômeno”. Os pesquisadores do Norte, em sua totalidade, utilizam a entrevista como método de coleta, seja na pesquisa exploratória ou em profundidade.

4.3 Experiência na realização de entrevista

Os entrevistados do Norte são considerados experientes, sendo que pelo menos 5 pesquisas com entrevistas foram aplicadas por cada um. Dentre os do Sul, existem os experientes e os pouco experientes.

4.4 Aspectos positivos da entrevista como coleta de dados

Os entrevistados do Norte citam como pontos positivos principalmente o contato real/pessoal com o objeto de estudo e a profundidade que é possível oferecer à pesquisa em razão dos novos elementos que vão surgindo. As respostas dos entrevistados do Sul apresentam convergências com as do Norte, pois os respondentes citam a possibilidade de extrapolar a literatura e que a técnica oferece muitos elementos para análise, sendo considerada “rica”. Além disso, citam atributos da técnica como “flexível” e “adaptável”, características de distinção principalmente no que diz respeito a instrumentos fechados.

4.5 Aspectos negativos da entrevista como coleta de dados

As respostas de ambas as regiões também convergem no que diz respeito aos principais aspectos negativos. Destacam-se o viés do pesquisador/enviesamento das respostas, o tempo despendido, a dificuldade nas etapas de execução e análise e a subjetividade. Além disso, citam o “inesperado” enquanto aspecto negativo, observado na abordagem de alguma questão sensível ao entrevistado ou ainda caso a fonte não fale muito ou não esteja bem disposta.

A E21 comenta enquanto aspecto negativo que muitos dados já existem em fontes secundárias de informação e que poderiam ser levantados com o uso de técnicas que acabam

não sendo consideradas. Pontua que por vezes nota uma banalização do uso de entrevistas e questionários, sendo que existem mais modos de planejar estratégias de pesquisa.

Ainda, quanto à subjetividade, é interessante contrastar o resultado obtido com a fala da E19 ao comentar que não usa *softwares* em suas análises, pois gosta de ter mais contato com os dados coletados, criticando inclusive sobre o uso de *software* ser um critério para a redução da subjetividade.

(...) bom, a pesquisa é minha, né? Para começar. Então tem uma subjetividade aí. E também o rigor e a qualidade da pesquisa são coisas diferentes. [E19].

A fala da entrevistada demonstra que um fator que pode ser considerado negativo é no seu caso um critério individual para a manutenção da qualidade da sua análise. Tal aspecto vai ao encontro da discussão sobre validade na pesquisa qualitativa de Oliveira e Piccinini (2009) que comentam sobre a existência de um *status quo* sobre a análise numérica ou mediada por *softwares* ser mais neutra, mas que tal constatação desconsidera que os pesquisadores possuem crenças anteriores e que podem interferir nas escolhas pertinentes às suas investigações.

4.6 Interferência do tema na condução da entrevista

A maioria dos entrevistados concorda sobre o tema interferir na aplicação da entrevista de pesquisa. A existência de temas mais sensíveis que outros é destacada, no entanto os motivos que desencadeiam as sensibilidades divergem dependendo da região.

No Norte são pontuadas preocupações quanto a questões políticas e sociais, a existência de zonas de conflito e a questões ligadas ao contexto, principalmente. Já no Sul a preocupação está mais direcionada a temas que tratem tabus ou que possam reviver traumas dos entrevistados, de modo que é importante deixá-los confortáveis. Neste sentido, a sensibilidade é apontada como característica esperada do entrevistador.

Destaca-se que em ambas as regiões, mas em menor número, há entrevistados que sinalizam também que o tema não interfere. Na opinião dos pesquisadores principalmente da região Norteⁱⁱ, o que poderia interferir na condução da entrevista é a falta de preparo/domínio do entrevistador.

4.7 Como elaborar o roteiro de entrevista e os principais cuidados na elaboração do roteiro

Os entrevistados de ambas as regiões concordam que a entrevista deve ser observada de uma forma integral para que o roteiro seja bem elaborado. Sugerem principalmente que teoria, objetivos e perguntas estejam relacionados.

Tal ponto é comentado de forma simplificada pelo E23, que fala sobre a importância de ter “(...) essa coerência entre objetivo, teoria, método e resultado”. Além de sua função instrumental, o roteiro possui interlocuções com todas as etapas da pesquisa realizada com o uso de entrevista.

Além do mais, entrevistados do Sul propõe o acesso a roteiros já aplicados anteriormente, usando-os como base metodológica. Já os entrevistados do Norte buscam utilizar na revisão teórica de literatura, preferencialmente, artigos de periódicos de referência.

Tratando sobre os principais cuidados na elaboração do roteiro, os entrevistados do Norte defendem a aplicação de pré-teste, que inclusive ajuda na adequação da linguagem ao grupo a ser estudado. Ainda, julgam importante considerar quem são os entrevistados, buscar saber como é o campo de pesquisa e ter a metodologia clara e detalhada. Os do Sul concordam com a aplicação de pré-testes e adicionam uma dica de caráter prático, que é a

validação com especialistas. Comentam ainda sobre a importância de elaborar questões abertas, dando espaço para respostas mais elaboradas que “sim” ou “não”.

4.8 Formas de contatar o entrevistado

Há uma divergência marcada entre as respostas da região Norte e Sul quanto às formas de contatar os entrevistados. Entre as principais respostas da região Norte estão: pessoalmente, por intermediário (órgãos responsáveis e associações) e por telefone, sendo que primeiro ligam se apresentando e posteriormente enviam um e-mail explicando a pesquisa.

Já para a região Sul o e-mail se destacou, seguido pelo contato pessoal, redes sociais, telefone e “diversas formas, sem regra, depende”. A explicação para a última constatação depende do acesso ao respondente: o modo mais efetivo de se chegar à fonte necessária para o estudo acabará sendo o modo escolhido.

4.9 Cuidados na condução da entrevista

As principais respostas dos entrevistados da região Norte são: não interferir na fala do entrevistado; deixar o entrevistado à vontade/confortável; explicar a pesquisa; ser simpático ao abordar o entrevistado; dar liberdade para o entrevistado não responder as perguntas ou não querer participar da pesquisa; realizar perguntas que o entrevistado entenda e fazer a entrevista em um lugar seguro e adequado.

Já os da região Sul pontuam sobre a necessidade do pesquisador estar muito presente e concentrado no momento da entrevista para escutar, ouvir, guiar; tentar criar um vínculo com o entrevistado, deixá-lo à vontade, confortável ou até mesmo “quebrar o gelo”; optar por um local adequado (neutro e sem barulho); e prezar por uma postura neutra, não induzindo o entrevistado a falar o que o pesquisador quer ouvir.

4.10 Elementos de uma boa entrevista

Como elementos de uma boa entrevista, os respondentes da região Norte destacam a importância de conseguir informações detalhadas, de o entrevistado estar aberto para responder e a entrevista ser um momento agradável para ambos os lados. Já os respondentes do Sul destacam a importância de uma boa pesquisa prévia (com teoria que oriente o questionário, uso de questionário que preferencialmente já tenha sido testado e com aplicação de pré-teste). Além disso, o entrevistado deve se sentir confortável, em um ambiente seguro, e a pesquisa deve cumprir a função de responder os objetivos da pesquisa.

Contudo, é interessante observar a fala da E19, que indica que é possível aprender com as entrevistas ruins: “(...) eu acho que a gente aprende mais com as ruins que com as boas, para ser bem sincera”. Cita, inclusive, que realizou a leitura de um artigo que tratava sobre uma entrevista que foi descartada – e cujo pesquisador, autor do artigo, pôde aprender com ela ao retomar o material após um tempo.

Nota-se a repetição de aspectos trazidos na questão sobre cuidados, permitindo a sugestão de que uma boa entrevista é também uma pesquisa conduzida de forma cautelosa.

4.11 Técnicas de coleta associadas à entrevista

Há uma convergência completa nas respostas da região Sul e Norte quanto às técnicas associadas à entrevista. As principais são a observação, a análise de documentos e a fotografia, respectivamente. Destaca-se que alguns pesquisadores do Norte utilizam anotações. Contudo ressalta-se que a tomada de decisão para essas escolhas também é

embasada, o que é evidenciado pela fala da E21: “depende do objeto e onde eu quero chegar com a pesquisa, tá?”.

Assim, entende-se que existem escolhas mais adequadas a depender da proposta de cada investigação. A maioria dos entrevistados comenta sobre utilizar técnicas associadas à entrevista, mas alguns destacam a importância de se ter esse costume, ponto de interlocução coma fala de Minayo (2017), que indica a triangulação de fontes como aspecto a ser considerado sempre que possível.

4.12 Como transcrevem as entrevistas

Ambas as regiões ainda transcrevem manualmente, principalmente. Contudo, pesquisadores da região Norte, principalmente os docentes, costumam pedir para algum orientando seu transcrever ou até mesmo terceirizam o trabalho. Além disso, uma das entrevistadas comenta sobre realizar anotações no momento da entrevista para facilitar posteriormente a transcrição.

Alguns entrevistados da região Sul contam com o apoio de *softwares*, mas sinalizam que correções posteriores sempre são necessárias. A E15 explica que isso ocorre pela maioria dos *softwares* disponíveis serem de desenvolvedores estrangeiros.

4.13 Cuidados éticos que devem ser tomados

Respondentes das duas regiões concordam sobre a importância de assegurar o anonimato das fontes e submeter a pesquisa para comitês de ética.

A região Norte ainda destaca como um cuidado ético a submissão pela Plataforma Brasil, a assinatura do Termo de Consentimento pelos participantes e questionar, ao final da entrevista, se existe alguma informação que o entrevistado passou e não quer que seja divulgada. Ademais, ressalta-se que alguns docentes entrevistados já participaram de comitês de ética.

Já a região Sul comenta sobre a importância de deixar claro para os entrevistados os objetivos da pesquisa que ele está participando como respondente. Há também a participação de um entrevistado da região Sul (E23) na institucionalização de comitê de ética na instituição em que atua como docente. A Plataforma Brasil não é citada pelos pesquisadores da região Sul.

4.14 Erros que já cometeu na coleta de dados por entrevista

Respondentes de ambos os locais comentam sobre erros cometidos na condução da pesquisa, sendo que entrevistados da região Norte destacam a interferência nas respostas, enquanto os da região Sul comentam sobre um enviesamento delas, principalmente através de exemplos. Outro erro de condução, destacado pelos respondentes do Sul, é a transformação da entrevista em uma conversa.

Enquanto problema de natureza técnica destacado pelos entrevistados da região Norte encontra-se a não realização do pré-teste ou validação do instrumento, enquanto os da região Sul pedem atenção redobrada para a gravação dos áudios da entrevista, usando se possível mais um meio para a captura de som. Mais de um entrevistado já perdeu sua entrevista por problemas com o gravador.

Destaca-se ainda que um dos motivos para a E21 evitar o uso de entrevistas é justamente pela técnica apresentar diversos pontos passíveis de erros, notados por ela ao longo da sua trajetória enquanto pesquisadora. Chama atenção, assim, para a constância do cuidado que deve ser tomado durante a aplicação de entrevistas.

4.15 Orientações para jovens pesquisadores

Os entrevistados da região Norte sugerem que os jovens pesquisadores verifiquem se a teoria e o objetivo estão adequados; tenham paciência; saibam ouvir; usem linguagem adequada; estudem as perguntas; estudem o campo de pesquisa; conversem com outros pesquisadores; levem mais de um meio de gravação caso haja algum imprevisto; e faça o máximo de entrevistas possíveis observando atenciosamente a saturação

Já os do Sul indicam a importância de uma preparação prévia: saber como funciona um projeto de pesquisa, ter um problema formulado, ler sobre teoria e sobre método, buscar instrumentos similares e conhecer o objeto são as dicas. Além disso, os entrevistados do Sul comentam sobre a importância da escolha de um ambiente adequado e seguro; da realização de testes dos instrumentos; sobre não ter vergonha; sobre aplicar a pesquisa com alguém mais experiente; e fazer perguntas mais abertas/não muito fechadas e sem juízo de valor.

Pelo conjunto das respostas, nota-se que uma série de competências comportamentais são destacadas no que diz respeito às dicas para jovens pesquisadores.

Sobre o ponto de aplicar a entrevista com alguém mais experiente, alguns entrevistados, cientes sobre as limitações decorrentes da inexperiência, não raro acompanham os seus orientandos no campo de pesquisa.

4.16 Projetos com mais de uma pessoa entrevistando

Parcela significativa dos entrevistados de ambas as regiões já trabalhou em pesquisas com mais de uma pessoa entrevistando. As formas que isso pode ocorrer são variadas. De modo geral, nota-se uma maior satisfação pela realização deste trabalho em grupo quando os participantes estão alinhados e possuem participação ativa em diferentes etapas do processo da investigação.

Na região Norte atenta-se, principalmente, para questão do instrumento de pesquisa, que deve ser debatido e estudado por todos os membros participantes da pesquisa.

4.17 Cuidados na área de sustentabilidade

Apesar de não ser um consenso, a maioria dos comentários demonstram que cuidados especiais devem ser tomados na área da sustentabilidade. Mais do que isso, pôde-se compreender que esses cuidados perpassam os níveis macro, meso e micro.

No nível macro, preocupações quanto ao contexto são citadas e classificadas como “complexas”, visto que ele responde por diversos traços característicos das populações e organizações ali existentes.

Os pesquisadores do Norte citam que pesquisar a região amazônica requer modificações na linguagem, principalmente no que tange ao roteiro de entrevista. Na visão desses entrevistados, adaptações são essenciais, uma vez que o grau de escolaridade de cada agente varia significativamente de um campo para outro.

As variações linguísticas também são citadas por pesquisadores da região Sul. O E22 exemplifica o seu ponto de vista:

O hemisfério Norte é uma coisa, o hemisfério Sul é outra, os artigos de sustentabilidade nos mostram isso, e quando a gente fala da questão da sustentabilidade também, de crenças, valores, culturas e tradições, a linguagem é muito importante. Se usa uma palavra, sei lá, "violência" para uma região, ela tem um sentido, para outra ela pode ter outro, na cabeça das pessoas e de grupos de pessoas. [E22].

Ainda, sobre o contexto, torna-se necessário considerar a realidade vivida pelos entrevistados como ponto de interferência na pesquisa, o que pode ser notado na fala do E3:

Me deparei muito com isso quando fui trabalhar com a gestão da cadeia produtiva de castanha que eu comecei a fazer entrevista sentado do barco com outra pessoa que tava no meio do trabalho quebrando castanha e a gente preocupado com onça, parece até meio fantasioso, mas eu não tinha muito tempo, tava um calor infernal e a pessoa com espingarda na mão. [E3].

Outro entrevistado da região Norte (E14) comenta sobre a necessidade da criação de vínculos de confiança para que possa acessar as pessoas que precisa, o que inclui entendimento das organizações locais e aproximação com atores relevantes para a investigação.

É o seguinte, eu uso a técnica bola de neve, por exemplo, vamos especificar [...] os madeireiros clandestinos, o que acontece, eu já tenho meu *networking* primário, num desses caras que fez pré-teste comigo é o [nome omitido] que tem uma empresa no setor madeireiro que colabora com as pesquisas de longa data. Ele me identifica as empresas, eu ligo e uso o nome dele [...] só que ele é um *player* que opera no mercado regular, os madeireiros clandestinos tu não pode ligar, tu tem que viajar pra municípios distantes e nesses municípios [...] são pequenos e todo mundo se conhece, aí tu sai, vai na praça do município, começa a dialogar com as pessoas. O primeiro lugar que você no município é na [nome da organização omitido]. Então eu me dirijo pra [nome da organização omitido], me apresento, digo que sou da UFRA, aí todo diz que se formou na UFRA [...] aí eu começo a bater um papo com engenheiro florestal, de pesca, aí pergunto como é o mercado do município, aí fico um tempão lá na [nome da organização omitido], tomo um café, faço a amizade com o técnico, entrevisto o técnico pra entender como é um pouco a cadeia dentro do município e ele conhece todo mundo, aí começa a criar o círculo da confiança [...]. [E14].

A E19 estabelece como solução estudar, ler, entender e analisar o contexto, vinculando aos resultados da pesquisa.

Outra questão também é o contexto né, contexto é muito importante, não dá pra esquecer contexto. Não dá, não dá, não dá. Tem que analisar contexto, tem que estudar contexto, não dá para achar que uma cadeia de suprimentos do Rio Grande do Sul vai ser a mesma cadeia de suprimentos do Amazonas. Então é diferente. Então não adianta, a gente precisa entender contexto, precisa ler estudar contexto, precisa analisar contexto e vincular toda essa análise com as análises das entrevistas, das percepções e das ideias. [E19].

No nível meso há o alerta quanto a reproduções de uma comunicação institucionalizada e incoerente com a realidade das práticas e dos processos das organizações. Com isso o *greenwashing* é citado como um dos principais perigos. Para reduzir problemas desta natureza, uma boa elaboração do roteiro é citada, além do cerceamento do pesquisador com outras fontes de dados para confronto e triangulação. Entende-se que com esses cuidados, os resultados alcançados pela pesquisa serão mais fidedignos.

Tem que ter muito cuidado mesmo para... em relação ao politicamente correto. Aí isso volta para questão da elaboração do roteiro, porque a própria elaboração do roteiro, de um questionário, que o foco é o roteiro, é de tu se proteger também dessas questões né, de entender o que tu pode captar ali que não necessariamente seja aquilo que a sociedade quer ouvir, mas que seja o real assim, né. Isso a gente sofre bastante, por exemplo, em pesquisa de *greenwashing*, de empresas que são verdes,

limpas entre aspas assim, mas os processos não necessariamente refletem o que é comunicado né, só que eu tenho evitado assim sim, até quando os meus alunos vem com algumas ideias nesse sentido, e coleta de dados neste tipo de situação por que é muito claro que a empresa vai falar o que tu quer ouvir. [E21].

No nível micro, por fim, considera-se a existência de comportamentos influenciados por uma norma socialⁱⁱⁱ que preza pelo ambientalmente correto ou politicamente correto, e que resulta em uma dissonância entre o que as pessoas julgam como certo em termos de sustentabilidade e o que elas realmente praticam.

(...) algo que já aconteceu também em alguns artigos que a gente fez na época (...) é: quando tu pergunta para a pessoa se ela fecha a torneira na hora de escovar os dentes, ela te diz que sim. Mas talvez na prática ela não faça isso, porque ela tem noção do que é o ambientalmente correto, mas não quer dizer que a resposta dela, que é uma resposta bonita, não quer dizer que a ação dela seja exatamente aquela. [E23].

Uma solução para minimizar problemas desta natureza é usar de artifícios para entender o que a pessoa acredita, julga, tem consciência e contrastar com o que ela realmente coloca em prática. Ou seja, entender as diferenças entre consciência e atitudes.

E tentei fazer um questionário, mas aí foi um questionário, não foi uma entrevista, né, onde as pessoas iam respondendo questões específicas sobre o que elas achavam, né, ou seja, a consciência delas, se ela achava adequado descartar o resíduo eletrônico na rua... se elas achavam errado. E daí depois eu perguntava assim: “e como é que tu descartou o teu último computador?” [E23].

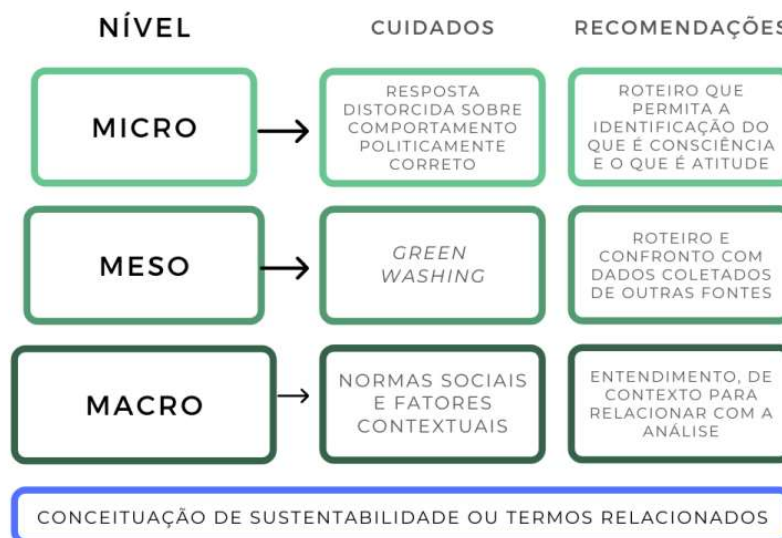
Enquanto aspecto exterior às considerações multinível, mas com influência direta sobre elas, destaca-se a necessidade do pesquisador conceituar sustentabilidade ou dos conceitos afins que irá empregar. O E22, por exemplo, alerta para a pluralidade do conceito de desenvolvimento sustentável, inclusive em intersecção com a questão do contexto.

Então é extremamente complexo falar sobre sustentabilidade (...) nós estamos encarando matemática muito ampla, muito complexa, complexa e diversificada, e a própria literatura né Ana, não existe um conceito unânime até hoje sobre o que é desenvolvimento sustentável, num país é uma coisa, em outra região é outra, no hemisfério sul e Norte é totalmente diferente, então tem que ter muito cuidado quando a gente fala disso. [E22].

A E14 comenta sobre ser importante esclarecer o conceito empregado para o entrevistado, justamente para que haja um alinhamento entre a ótica do entrevistador e a resposta do entrevistado. Há quem discorde, buscando um entendimento do que é sustentabilidade para o entrevistado. Contudo, tais respostas podem estar relacionadas às características individuais de cada pesquisa.

Diante do exposto acima, a Figura 1 é proposta no intuito de sintetizar os principais cuidados quando se opta pelo uso de entrevistas de pesquisa relacionadas à temática da sustentabilidade, assim como possíveis soluções a serem tomadas e discutidas.

Figura 1 - Cuidados no uso de entrevistas de pesquisa na área de sustentabilidade



Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Por fim, resume-se as respostas mais frequentes dos entrevistados das regiões Norte e Sul no Quadro 2.

Quadro 2 - Resultados conforme maiores frequências de respostas

Categorias abordadas	Respostas Norte	Respostas Sul
Formação em método	<ul style="list-style-type: none"> Autodidata (7) Disciplina de métodos gerais ao entrar na pós (6) Disciplina quantitativa (6) 	<ul style="list-style-type: none"> Início na graduação de forma mais supérflua com aprofundamento na pós-graduação (4) Na pós-graduação (mestrado ou/ doutorado) (3) Autodidata (2) - Conteúdos no Youtube (1), em disciplinas de outros PPGs (1), leituras e conversando com colegas (1)
Realização de entrevistas como método de coleta	<ul style="list-style-type: none"> Na maioria das vezes (5) Sempre (4) Quase sempre, mas nunca só entrevista (3) 	<ul style="list-style-type: none"> Frequentemente (6) Frequentemente, tem como costume aplicar na fase exploratória (1); Não sabe informar frequência, usa quando precisa entender mais sobre determinado fenômeno (1); Quando é necessário, pois evita usar entrevistas (1).
Experiência na realização de entrevista	<ul style="list-style-type: none"> Experientes (14): realizaram 5 ou mais pesquisas com entrevista ou aplicaram 50 ou mais entrevistas 	<ul style="list-style-type: none"> Experientes (7): realizaram 5 ou mais pesquisas. Pouco experientes (2): realizaram menos de 5 entrevistas. 1 entrevistada não soube informar.
Aspectos positivos da entrevista como coleta de dados	<ul style="list-style-type: none"> Contato real/pessoal com o objeto de estudo (7) Dá profundidade à pesquisa (6) Enriquecimento da pesquisa devido ao surgimento de novos elementos (3) 	<ul style="list-style-type: none"> Flexibilidade nas perguntas / mais liberdade que um questionário fechado (5) Encontrar novas informações não mapeadas pela literatura (3); Dá profundidade à pesquisa (3); Técnica muito rica, consegue extrair muitos elementos das respostas (3).
Aspectos negativos da entrevista como	<ul style="list-style-type: none"> Viés pessoal do entrevistado (3);Gasta 	<ul style="list-style-type: none"> Tempo (5) Enviesamento (3)

coleta de dados	<p>muito tempo (3);Subjetividade (3);Disponibilidade do entrevistado (3); Análise trabalhosa (3).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contar com a boa disposição do entrevistado (2); Extrair informações de um entrevistado que é mais fechado (2); Dificuldade na execução e análise (2).
Interferência do tema na condução da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O tema interfere (8)</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Questões políticas e sociais presentes no tema (5) 2. Zonas de conflito existentes no campo de pesquisa (3) 3. As perguntas mudam conforme o <i>locus</i> de pesquisa (2) • <i>O tema não interfere (4)</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que interfere é o preparo do entrevistado (3) 2. O que interfere é a experiência do entrevistado (1) 3. O que interfere é o viés do entrevistado (1) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>O tema interfere (9)^{iv}</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Viés do respondente, protocolo precisa estar adequado para tratar sobre temas sensíveis (2) 2. Principalmente com temas sensíveis, tabus ou que possam desencadear traumas (1) 3. Necessária sensibilidade do pesquisador (1); 4. Quando se tem mais afinidade com o tema é mais fácil aprofundar a entrevista (1); 5. Dependendo do tema vai ser mais fácil ou difícil fazer o entrevistado falar (1); 6. Temáticas com aspectos mais pessoais (identificação de personalidade, valores, aspectos culturais, crenças) do teu entrevistado podem deixá-lo prestigiado ou acuado 7. Além do tema, o momento (tempo) da aplicação da entrevista também interfere (1) • <i>Dependendo o tema interfere (1)</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Na entrevista aberta interfere, na fechada não.
Como elaborar o roteiro de entrevista e os principais cuidados na elaboração do roteiro	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Elaboração do roteiro</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Relacionar com o quadro de análise (teoria, objetivos e problema de pesquisa) (6) 2. Relacionar diretamente com a teoria (6) 3. Realizar perguntas que vão além da teoria (2) • <i>Principais cuidados na elaboração</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Realizar pré-teste com possíveis entrevistados (3) 2. Considerar quem são os entrevistados (3) 3. Buscar saber como é o campo de pesquisa (2) e ter metodologia clara e detalhada (2) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Elaboração do roteiro</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Revisão teórica, criação de quadro teórico, categorias a serem analisadas e perguntas baseadas naquelas categorias (2) 2. O roteiro tem que estar encaixado com os objetivos e ter respaldo na teoria (2) 3. Uso de questionário de base, adaptando para a necessidade da pesquisa (2) • <i>Principais cuidados na elaboração</i> <ol style="list-style-type: none"> 1. Evitar perguntas com respostas “sim” e “não” (2) 2. Validação com especialistas (2), principalmente de pesquisas que originem tese 3. Aplicação de pré-teste (2)
Formas de contactar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Pessoalmente (9) • Intermediário (órgãos responsáveis e associações) 	<ul style="list-style-type: none"> • E-mail (7) • Pessoalmente (3); Redes sociais (3); Telefone (3); Diversas formas, sem

	<ul style="list-style-type: none"> (8) • Telefone (5) 	<ul style="list-style-type: none"> regra, depende (3) • Whatsapp (2)
Cuidados na condução da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Não interferir na fala do entrevistado (6) • Deixar o entrevistado à vontade, confortável (6) • Explicar a pesquisa (3); Ser simpático ao abordar o entrevistado (3); Dar liberdade para o entrevistado não responder as perguntas ou não querer participar da pesquisa (3); Realizar perguntas que o entrevistado entenda (3); Fazer a entrevista em um lugar seguro e adequado (3). 	<ul style="list-style-type: none"> • Estar muito presente e concentrado no momento da entrevista para escutar, ouvir, guiar (3) • Tentar criar um vínculo com o entrevistado/deixá-lo à vontade/ confortável /“quebrar o gelo” (3) • Local adequado (neutro e sem barulho) (2); Neutralidade do pesquisador / não induzir o entrevistado a falar o que tu quer ouvir (2)
Elementos de uma boa entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Consegue informações detalhadas (5) • O entrevistado está aberto para responder (3); Entrevista agradável e com respeito para ambos os lados (3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Resultado de uma boa pesquisa prévia e alinhada ao problema de pesquisa e resultados: boa teoria que oriente o questionário, uso de questionário que preferencialmente já tenha sido testado e com aplicação de pré-teste (3) • Entrevistado se sente à vontade/em ambiente seguro/ está bem disposto (2) • Consegue coletar os dados necessários / responde os objetivos da pesquisa (2)
Técnicas de coleta associadas a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Observações não participante/caderno de campo (10) • Documentação (8) • Fotos (7) 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação (10) • Documentação (5) • Fotografia (3)
Como transcrevem as entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • Manualmente (6) • Software (5) • Na íntegra, sem correção (5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Software (1) • Manualmente (5) • Manualmente, mas com ajuda de aplicativo para ajudar nos comandos do teclado (1); Geração de legenda automática do Youtube com reparos posteriores (1); Bolsistas grupo de pesquisa (1)
Cuidados éticos que devem ser tomados	<ul style="list-style-type: none"> • Assegurar o anonimato (11) • Ter a aprovação do comitê de ética/plataforma Brasil (4) • Coletar a assinatura do Termo de Consentimento (4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar objetivo da pesquisa (4) • Registro em Comitê de Ética (4) • Assegurar o anonimato das fontes (3)
Erros que já cometeu na coleta de dados por entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Não realizar o pré-teste/a validação do instrumento (5) • Interferir nas respostas (4) • Entrevistar pessoas que não tem a informação (4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Enviar respostas dos entrevistados, principalmente a partir de exemplos (4) • Perda de entrevista por não gravar a entrevista (3) • Transformar a entrevista em uma conversa (2)
Orientações para jovens pesquisadores	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se a teoria e o objetivo estão adequados (4) • Ter paciência (3) • Saber ouvir (2); Usar 	<ul style="list-style-type: none"> • Preparação prévia: saber como funciona um projeto de pesquisa, ter um problema formulado, ler sobre teoria e sobre método, buscar instrumentos similares e conhecer o objeto (6)

	<p>linguagem adequada (2); Estudar as perguntas (2); Estudar o campo de pesquisa (2); Conversar com outros pesquisadores (2); Levar mais de um meio de coleta de dados (2)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ambiente adequado e seguro (2); Aplicar pré-teste / testar instrumentos (2); Não ter vergonha (2); Aplicar pesquisa com alguém mais experiente (2); Fazer perguntas mais abertas/não muito fechadas e sem juízo de valor (2)
<p>Projetos com mais de uma pessoa entrevistando</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Já trabalhou</i> (14) – Preparação: <ol style="list-style-type: none"> 1. Reunião de planejamento com o grupo de pesquisa antes das entrevistas (5) 2. Ir em dupla sempre para fazer a entrevista (4) 3. Os entrevistadores estudam as perguntas detalhadamente (3) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Já trabalhou</i> (10): <ol style="list-style-type: none"> 1. Aplicação com divisão de tarefas (4) 2. Preparação em conjunto e aplicação separadamente (3) 3. Participação de todos os co-autores em todas as etapas (1); Aplicação com outro pesquisador ao mesmo tempo (1); Não teve muita preparação, mas discussões para a formação do instrumento (1); Funciona bem com reuniões sistemáticas entre os pesquisadores para a troca de percepções (1). • <i>Não trabalhou</i> (1).
<p>Cuidados na área de sustentabilidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estar preparado/aberto para diferentes concepções de sustentabilidade (4) • Não julgar/condenar o entrevistado pelas suas práticas (3) • É necessário ter vivência no campo, pesquisar <i>in loco</i> (3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter claro o conceito de sustentabilidade que está sendo usado / entender que sustentabilidade abrange vários conceitos e ter claro o que a pessoa entende por sustentabilidade (3) • Cuidar resposta socialmente aceita / ambientalmente aceita / politicamente correta (3) • Cruzar com dados de outras técnicas fontes vão dar mais respaldo para a pesquisa (2); Cuidar diferenças entre prática e discurso ou consciência e atitudes (2); Postura neutra enquanto pesquisador (2)

Fonte: Dados de Pesquisa (2020).

5 CONCLUSÕES

De modo geral, as práticas dos pesquisadores são compatíveis com a literatura sobre o uso de entrevistas de pesquisa, independente da localidade dos entrevistados. Nota-se ainda que a vigilância em diversas etapas da entrevista é expressa nas falas de alguns pesquisadores – e vai, por exemplo, desde a forma de contatar os entrevistados, até a escolha de técnicas complementares para coleta de dados ou o modo de analisar os resultados. Considera-se assim a fala de Oliveira e Piccinini (2009), de que a validade também está vinculada a uma reflexão constante quanto à adequação entre teoria e prática.

Apesar de a reflexividade ser uma postura transversal a várias temáticas que podem ser investigadas a partir de uma orientação qualitativa, o presente estudo aponta cuidados verbalmente expressos para a aplicação de entrevistas que contemplam questões de sustentabilidade e que perpassam os níveis macro (normas sociais e fatores contextuais), meso (*greenwashing*) e micro (comportamento politicamente / ambientalmente correto). Entende-se, assim, que as cristalizações dos apontamentos trazidos pelos entrevistados e sintetizados pela Figura 1 formam as principais contribuições do presente estudo.

Como limitação está o fato de a região Sul ser representada apenas por um estado, além da corrente epistemológica dos pesquisadores não ter sido questionada diretamente. Para futuros estudos, sugere-se que investigações sejam conduzidas para entender como as práticas de entrevistas são impactadas por eventos excepcionais, usando como exemplo o impacto da COVID-19 em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

ALMIRO, Pedro Armelino. **Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas**. Avaliação Psicológica, v. 16, n. 3, p. 0-0, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 2010.

BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

DELMAS, Magali A.; BURBANO, Vanessa Cuerel. **The drivers of greenwashing**. California management review, v. 54, n. 1, p. 64-87, 2011.

GILL, Paul et al. **Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups**. British Dental Journal, v. 204, n. 6, p. 291, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. **Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa**. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 88-98, Mar. 2009.

OLTMANN, Shannon. **Qualitative interviews: A methodological discussion of the interviewer and respondent contexts**. In: Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research. 2016.

RUBIN, Herbert; RUBIN, Irene. **Qualitative Interviewing (2nd ed.): the art of hearing data**, SAGE Publications, Inc. 2005.

ⁱ Foram selecionados os três tópicos mais citados por resposta. No caso de empate entre tópicos, todos com a mesma frequência foram apresentados.

ⁱⁱ Apenas um entrevistado da região Sul indicou que o tema pode não interferir, enquanto no Norte as respostas sobre a não interferência do tema foram mais numerosas e justificadas conforme a passagem destacada na análise.

ⁱⁱⁱ A norma social é derivada da estrutura social e estabelece-se no nível macro, mas afeta condições micro (comportamentais).

^{iv} Houve várias respostas únicas, o que justifica a inclusão de mais tópicos no quadro.